



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# A velha ferrum fum-fum

POR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA  
Desenhos de A. CASTAÑÉ



**E**RA uma vez uma velha  
chamada  
Ferrum-fum-fum.  
Andava sòzinha,  
não tinha  
— coitada! —  
parente nenhum.

Quando caminhava  
a velha tão relha,

a Ferrum-fum-fum,  
sempre resmungava;  
lembrava  
uma abelha  
zumbindo: — zum-zum!

Porque era corçunda,  
repele e imunda,  
tôda a garotada  
da mais pequerrucha  
té à mais crescida,  
chamava-lhe bruxa.

E ao vê-la, sòzinha,  
tratando da vida,  
sempre atarefada,  
— coitada! —  
por vezes chegavam  
até  
a sová-la  
com uma bengala.  
Pedras lhe atiravam...

E um dia um garoto,  
maroto,  
bem mau,  
deu-lhe  
um pontapé

e, inda insatisfeito,  
bateu-lhe, bateu-lhe  
nas costas, no peito,  
a torto e a eito,  
com um grande pau.

Então,  
a vèlhinha,  
caíndo no chão,  
ficou tal e qual  
de corpo e feição  
como era a Avòzinha  
daquele maroto  
garoto,  
de mau coração.

Cheio de remorsos,  
após mil esforços,  
do chão levantou-a;  
e em frente da velha  
logo se ajoelha  
pedindo perdão:



— «Perdôa, Avôzinha, perdôa?...»

Muito comovida,  
a pobre vèlhinha  
que nenhum affecto  
nem carinho tinha  
na Vida,

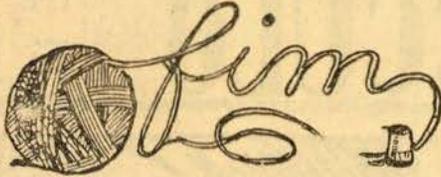
murmura baixinho:

— «Perdôo, perdôo, meu neto...»

Entanto,  
num canto,  
os outros rapazes

que, cheios de espanto,  
assistem à cêna,  
com pena  
da pobre vèlhinha,  
fizeram as pazes  
com ela.

Hoje, ao vê-la  
passar sempre só,  
com pena com dô  
do seu sofrimento,  
dão-lhe o tratamento  
de Avó.



# Hora de Recreio

Número 18  
2.º CAMPIONATO

## Secção Charadística

12 AGOSTO  
1 9 3 7

### DECIFRAÇÕES DO N.º 12

1 — Avelino; 2 — Laracha; 3 — Doente; 4 — Acuta-ata; 5 — Cachopa-capa; 6 — Marmitta-Marta; 7 — Póvoa de Lanhoso; 8 — Zézere; 9 — Quem com ferro mata com ferro morre.

### DECIFRADORES

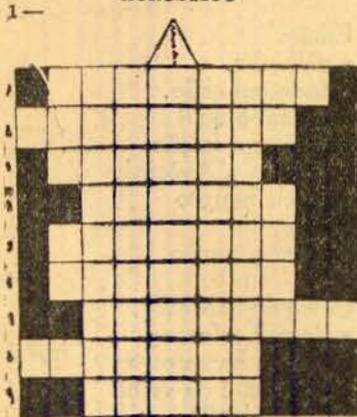
#### QUADRO DE HONRA

Adriano Reis, Maridália, Piruças,  
Sob-Chávena e Tomigas

(Totalistas)

Alfredo Matos, António Freire e Zé Fernando, 7; Renato R. Paulo e Rex, 6; Jorge Pereira, 5; Manecas & Tonecas, 4; Zé, 3.

### ACRÓSTICO



Paulo e Rex

1, 2, 3 — Três peixes  
4, 5, 6 — Três frutas  
7, 8, 9 — Três aves

Conceito (na coluna central): *Jornal infantil.*

### CHARADA EM VERSO

2 — *Perto está de decifrar — 2.  
E com jeito dá com ela — 2  
A questão é procurar  
Em Domingo de Pascoela,*

Sob-Chávena

### NOVISSIMAS

3 — *Caso curioso; a mim só me dão  
coisas com o aspecto de choco. — 1-2.*

Pacatinha

4 — *Toma «nota» que não estou para  
gritar a-pesar-de ter direito de exigir  
melhor serviço. — 1-2.*

Renato R. Paulo

5 — *Este «utensilio» ergue-se no es-  
paço, como se fôsse uma «ave» — 1-2.*

pavoia

Rex

(A «Maridália»)

6 — *Uma boneca de trapos, oferece  
um confrade chelo de trejeitos. — 2-1.*

São João

7 — *O que foi sempre repentino mu-  
dará depressa. — 1-3.*

Tom Mix

### SINCOPADAS

8 — *Estás alegre, mesmo muito ale-  
gre! — 3-2.*

Pirolito

9 — *Aumento o meu saber, decifran-  
do as charadas do «Século». — 3-2.*

Piruças

10 — *Extraí duma «árvore» um líqui-  
do como leite aquoso e claro. — 3-2.*

Recem

11 — *Foi naquela carruagem que a  
tua «parente» foi raptada. — 3-2.*

Rucas

### DUPLA

12 — *O gorgcio das aves ouve-se na-  
quela esquina. — 2.*

Rãs Pardal

### MAÇADA GEOGRÁFICA

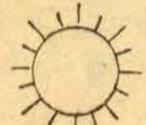
13 —

VIRO A VELHA DE LADO

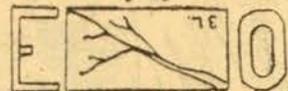
Rabêta

### ENIGMA PITORESCO

14 —



3 L



Tomigas

Non tudo que lê e

# NO COLÉGIO

■ POR NECO ■

Desenhos de ARCINDO

Mal tocou a sineta, de repente,  
De reboiço logo houve sinais.  
A petizada salta alegremente,  
Parece uma bandada de pardais.

Conversa, canta, ri sem descançar,  
Dança na corda, e faz muitas rôdinhas;  
São meninas e tôdas criancinhas  
Que nunca conheceram um pesar.

Nenhuma deu publicamente provas,  
Nenhuma fez o seu primeiro exame;  
São tôdas pequeninas, tôdas novas,  
Juntas, lembram de abelhas um enxame.

Mas dura pouco tempo a gritaria,  
Um novo toque faz acabar tudo.  
Cessa o barulho, pára a correria,  
E marcham, cabisbaixas, para o estudo.



Entram na sala, graves, tôdas juntas,  
E tomam seus lugares. Em seguida,  
A professora faz certas perguntas,  
Que deixam uma ou outra estarecida.

Quando chegou à Lena, uma miúda,  
Que tem sete anos, poucos meses mais,  
—«Porque, (lhe perguntou, assaz sisuda) —  
Devemos nós amar os nossos pais?»

Ergueu-se, então, a pequenina fada,  
E, sem ter hesitado um só momento,  
Respondeu altaneira, empertigada,  
Com o maior desplante e atrevimento:

— «Porque nos dão vestidos e, também,  
Nos dão calçado e dão-nos de comer;  
Porque nos querem mais do que ninguém,  
Porque se afligem vendo-nos sofrer;

E porque, além dos seus ternos cuidados,  
Nos dão dinheiro p'ra comprar bolacha,  
Bom chocolate, fruta, rebuçados,  
Pasteis, bonecas, bolas de borracha.»

Ao terminar, foi, com desenvoltura,  
Sentar-se de cabeça levantada.  
Perdeu a professora a compostura.  
E soltou estridente gargalhada.

■ F I M ■

VER NO PRÓXIMO NÚMERO;

**Concurso: — GRANDES DE PORTUGAL**

que, por absoluta falta de espaço, fomos forçados a interromper

# HISTÓRIA VERDADEIRA

Por N E C O

**E**M certa tarde agreste, pouco amena,  
Andava, pelas ruas da cidade,  
A mendigar o pão da caridade,  
Uma rapariguita assás pequena,

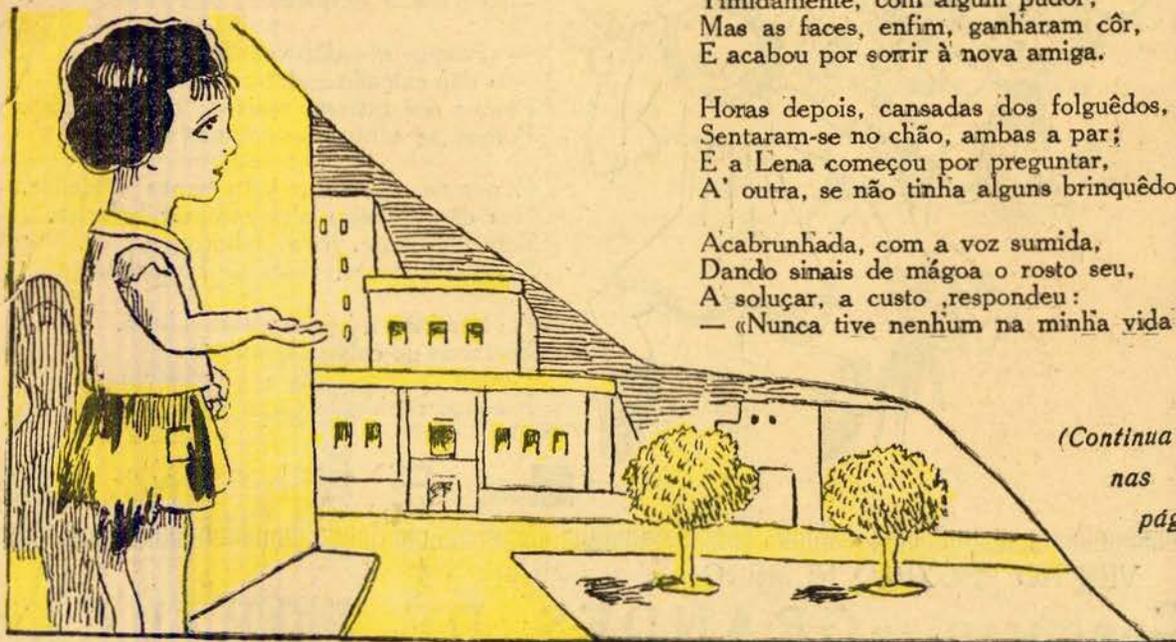
Trazia um vestidinho já no fio,  
Em desalinho os loiros caracóis,  
Tristes os olhos, fulgurantes sóis,  
As mãositas gretadas pelo frio.

Ao passar pela casa da Léninha,  
Outra miúda do tamanho dela,  
Implorou uma esmola p'rá janela,  
Onde aquela, brincando, se entretinha.

A Lena, mal a viu, mandou-a entrar,  
E foi abrir-lhe a porta, sorridente;  
Fê-la subir, mostrando-se contente  
Por arranjar, assim, com quem brincar.

Levou-a pela mão para uma sala,  
Ufana com a nova companheira;  
E mandou-a sentar numa cadeira,  
Depois de dar-lhe abraços e beijá-la.

Obedeceu, bastante embaraçada,  
Trémula, perturbada, comovida,  
Aquele probresita que, na vida,  
Pela sorte não fôra bafejada.



-- «Espera, (disse a Lena) um só momento,  
Que vou buscar algumas coisas minhas,  
Para aqui nós brincarmos às casinhas,  
Abrigadas das chuvas e do vento.».

Ouvindo aquelas palavrinhas d'oiro,  
A feliz mãe beijou o seu enlêvo;  
E murmurou: — «Meu Deus, quanto te devo!  
Depois, falou assim ao seu tesoiro:

— «Vai, minha filha, mas é teu dever,  
Tendo no coração tanta ternura,  
Mostrares da tua alma a formosura,  
Dando-lhe, antes de tudo, de comer.».

Assim fez. E afagando-a com extremos,  
Disse-lhe: — «Amor, eu vejo que tens fome,  
Pega lá. Não te acanhes, vamos, come,  
E depois, a seguir, brincar iremos.».

Comeu, com apetite, a rapariga,  
Timidamente, com algum pudor;  
Mas as faces, enfim, ganharam côr,  
E acabou por sorrir à nova amiga.

Horas depois, cansadas dos folguêdos,  
Sentaram-se no chão, ambas a par;  
E a Lena começou por perguntar,  
A' outra, se não tinha alguns brinquêdos.

Acabrunhada, com a voz sumida,  
Dando sinais de mágoa o rosto seu,  
A soluçar, a custo, respondeu:  
— «Nunca tive nenhum na minha vida!»

(Continua  
nas  
págs. 6 e 8)

# OS DITOS DO «SEISCENTOS-DIABOS»

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

«SEISCENTOS diabos» é um dos maiores piadistas do mundo. Os seus ditos de espirito merecem ser arquivados. Ao contrário dele, o priminho Acácio é o maior

aborião que o Céu cobre. «Seiscientos diabos», como possuía uma grande imaginação, facilmente descobria enredamentos e brincadeiras com que passasse o seu tempo, cultivando, assim, sem contar por isso, a própria imaginação e o seu próprio espirito.

Ao contrário do priminho Acácio, que era um mono, constantemente inventava jogos, improvisava distrações, em suma: estava sempre entretido.

Uma vez, armado, de pé para a mão, em architecto, munido de papel e lápis, esquadro e régua, num recanto da casa onde vivia, sobre uma pequena secretária, apresentava o aspecto exterior dum palacete que, na manhã seguinte, num recanto

da quinta de seus papás, edificava em pedra e cal, com todo o desembaraço e enquanto o diabo esfrega um olho, apenas auxiliado pelo filho do caseiro e pelo priminho Acácio, que era sempre um trôlha

Outras vezes, construía teatrinhos de madeira e cartão, aproveitando as estampas coloridas de velhas ilustrações, para cenários de fundo e figurantes de cena.

\* \* \*

Um dia, tendo acabado de construir sozinho uma máquina fotográfica que tinha toda a aparência duma autêntica «Kodak», apareceu-lhe o priminho Acácio que, de boca aberta e olhos de carneiro mal morto, lhe perguntou se a máquina era a valer. «Seiscientos diabos» respondeu-lhe, imediatamente, que tanto era a valer que até tirava fotografias a sério. Então, Acácio-

zinho pediu-lhe que provasse o que dizia, tirando-lhe o retrato.

— Queres de corpo inteiro ou meio corpo? —

perguntou, orgulhosamente, o «Seiscientos diabos».

— De meio corpo. — Respondeu, com toda a ingenuidade, Acáciozinho.

— Da cintura para cima ou da cintura para baixo? —

Da cintura para cima. — Balbuciou, muito grave, o mariquinhas.

— De frente ou a três quartos? — tornou, com ar impertinente, o endiabrado garoto.

— A três quartos. — Tornou o patetinho do Acácio, sem se aperceber do tom trocista das perguntas.

— Em «pose» ou instantâneo como os pudins que se vendem nas mercearias?



— Em «pose». — Respondeu o Acáciozinho, já farto de perguntas.

— Então, põe-te com pose diante da máquina... Assim... (e «Seiscientos diabos» tomava uma atitude pedante, para que ele o imitasse, a fim de poder disfrutá-lo depois). Agora, olha para aqui... (e «Seiscientos diabos» indicava um ponto vago no espaço, na direcção do Céu), mas só para aqui, nem mais um palmo além. Percebeste?

— Percebi. — rematou Acáciozinho, soltando um suspiro, já farto de tantas ob-



jeções e de estar na mesma posição contrafeita.

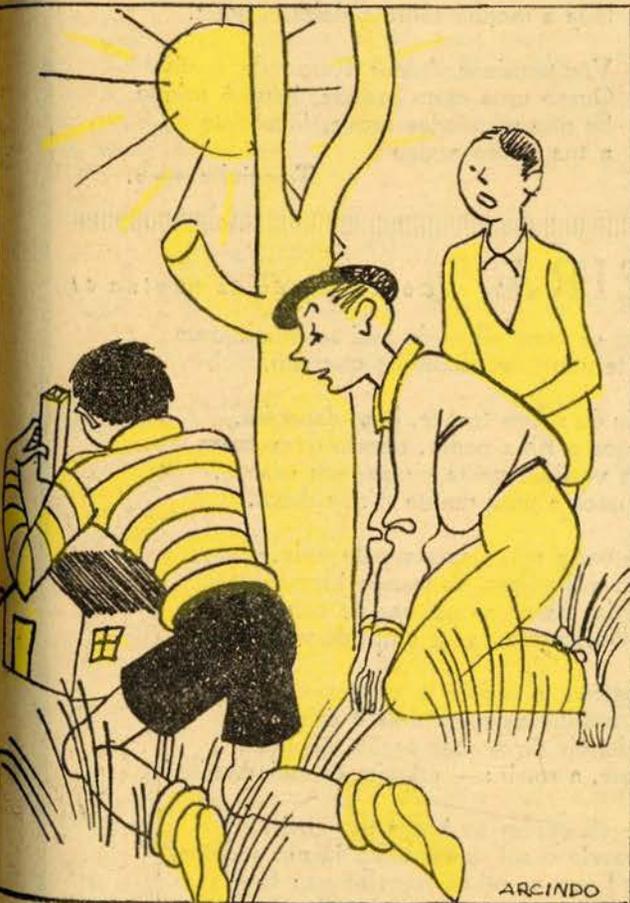
— Então, que estás a ver?

— O Céu. — respondeu o paciente «piz podre».

— Mas eu disse que fixasses, apenas, este ponto que eu indiquei, aqui, no ar.

— Só esse ponto, não sou capaz.

— Porquê?

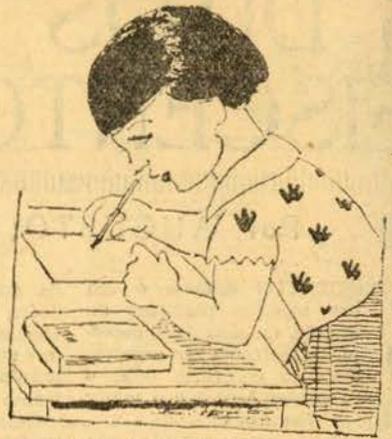


ARCINDO

(Continua na pág. 7)

# Carta do Estoril

Por GRACIETTE BRANCO



**C**HEGUEI hoje ao Estoril.  
Não há calor! Parece o mês de Abril,  
com rosas a nascer, num gesto  
lento...

Amanhã vou à praia. O meu banheiro,  
— êsse belo velhote prazenteiro,  
de cara luzidia e anafada, —  
leva, pelo mar fóra, de mão dada,  
o meu corpito breve e friorento...

O meu *maillot* é verde natural,  
uma âncora preta no quadril.  
Oh! Que bom é nadar pelo Estoril  
sob êste céu azul de Portugal!

Oh! Que bom é banhar, na água salgada,  
— água frêscia do mar, límpida, boa, —  
a minha pele, há muito habituada,  
às poeiras ardentes de Lisboa!

Arrancar mexilhão da rocha dura!  
Remar no barco, lépido, ligeiro!  
Aprender a nadar, mas bem segura  
pela mão cuidadosa do banheiro!

A vida que aqui faço é tão feliz!  
Higiênica, simples e arejada!  
*Matiné*s no Casino, o Tamariz,  
e o sol beijando a minha pele iodada!

Vou brincar com o Guilas, num Quartel  
onde já estão a Guida, a Gabriela...  
Fazem-me muita falta o Zé Manuel,  
o Luiz e a Maria Manuela!...

Agora, a minha Mãe vai-me comprar  
uma boia, que a outra é velha e feia,  
o baldezinho e a pá, para brincar  
tôda a manhã sôbre a doirada areia.

Vou terminar. Adeus. Responde, ouviste?  
Quero uma carta grande, igual à minha.  
Se não respondes breve, fica triste  
a tua muito amiga

Terezinha. — ».

## HISTÓRIA VERDADEIRA (Continuação da página 4)

— «Não chores, (diz-lhe a Lena) não dêes ais.  
Tenho muitos. Escolhe dos que vês;  
Os que mais te agradarem, até três!...  
E quando cá voltares levas mais.

Não posso dar dos que lá dentro viste,  
Porque os deixou Jesus pelo Natal,  
E tenho mêdo, que Êle leve a mal,  
O que me punha para sempre triste.

Em seguida, beijou-a com carinho,  
E ao ver, com dôr, os seus pés nus,  
Pensou: — «Se nada lhe deixou Jesus,  
Foi só por não ter posto o sapatinho.»

Com ar determinado, decidido,  
Correu p'rá mãe, casu-lhe no regaço,  
E segredou-lhe coisas ao ouvido,  
Cingindo-a a si, num apertado abraço.

Seus delicados lábios de carmim,  
Tão formosas palavras ciciaram,

Que os bons olhos da mãe se iluminaram  
E, ternamente, disse-lhe que sim.

Saiu da sala e trouxe, bem depressa,  
O que a filha pediu, dentro dum saco:  
Um vestido, umas meias, um casaco,  
Sapatos e uma manta p'rá cabeça.

Ao ver a mãe trazer aquilo tudo,  
Deu mil voltas, dansando alegremente,  
Sorriu, bateu as palmas de contente,  
Brilharam mais seus olhos de veludo.

Agarrou, a seguir, a pequenita,  
Enfiou-lhe as roupinhas e calçou-a;  
E depois de acabar acção tão boa,  
Disse, a sorrir: — «Assim és mais bonita!»

Ao chegarem as horas de partir,  
Quando o sol se escondia já nos montes,  
Da Lena os olhos semelhavam fontes  
Donde tombassem pérolas de Ophir.

# Os ditos do "Seiscentos-Diabos"

(Continuado da página 5)

— Não sei! —olveu o Acácio, com toda a sua simplicidade lorpa.

— Então, não podes tirar o retrato. Val-te embora. — exclamou, fingindo-se irritado, o «Seiscentos diabos».

— Oh! que pena! — tornou a murmurar o Acáciozinho, sem perceber e sem aguardar, sequer, a explicação de tão singular resposta.

Certo dia, «Seiscentos diabos» perguntou ao Acáciozinho se nunca tinha tomado gelo quente.

— Eu nunca, nunca tomei. — respondeu o ingénio Acácio, de veras admirado da pergunta.

— Pois então experimenta que é ótimo — retorquiu «Seiscentos diabos», dando-lhe uma pedra de gelo e uma cafeteira. — Vai pó-la ao lume.

\* \* \*

De uma outra vez, «Seiscentos diabos» pediu ao primo que resolvesse o seguinte problema que ele próprio imaginara:

— Imagina que tens na tua frente dez moedas de dez escudos. Imagina, também, que o teu pai te dá mais dez escudos e que a tua mãe te dá mais cinco escudos. Com quantos escudos ficas?

— Repete. — foi a primeira palavra que o adormecido Acácio balbuciou em face do enunciado problema.

«Seiscentos diabos» repetiu.

Acáciozinho pôs-se, então, a contar:

— Dez moedas de dez escudos, são cem escudos; mais uma que o meu pai me dá: cento e dez. E mais cinco escudos de minha mãe... Fico com cento e quinze escudos! —olveu, com ar triunfante, o priminho Acácio.

— Enganas-te, — retorquiu, velhacamente, o «Seiscentos-Diabos» — Eu disse que imaginasses tudo isso. Portanto, não tens nada, porque é tudo imaginação.

«Seiscentos-Diabos» tinha o hábito quando se zangava com o pobre Acácio, de lhe chamar estafermo. Uma vez, porém, foi justamente castigado pelos pais por tão feio costume e terminantemente proibido de tornar a dizer tal palavra.

Certo dia, estava a construir um barquinho à vela, auxiliado apenas pelo primo, que pouco ou nada fazia de acertado; vendo-o afastar-se, depois de

ter colocado o mastro ao contrário do que deveria ser, exclamou com grande indignação:

— O... — (mas lembrando-se do castigo que tinha sofrido) — O' «aquela coisa» que eu estou proibido de dizer, anda cá ver a linda obra que fizeste!



# O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS POR ABELHA-MESTRA

— «Cada litro a meio tostão!... Quem quer leite, quem quer leite das minhas lindas vaquinhas, tão branquinhas como a neve?»

Tragam as vossas tijelas!

Venham depressa buscá-lo, porque éle é bem saboroso!

Cada litro a meio tostão!»

— Assim ia apregoando este improvisado leiteiro, satisfeíssimo com o seu novo mister, quando foi surpreendido pela «Kodak» da Abelha-Mestra!

Trago-lhes, portanto, hoje, mais este engraçado personagem para a galeria dos muitos que têm servido de motivo a inúmeros trabalhos.

É um grande figurão que, por certo, não vai correr o perigo de fazer má figura!

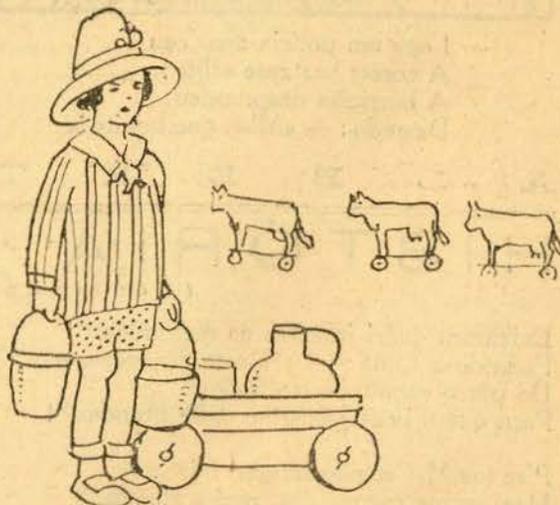
Vamos, pois, a trabalhá-lo, seguindo a vossa fantasia; isto é, com as côres e pontos que mais lhes agradar.

No entanto, digo-vos que é o ponto pé de flôr o mais indicado para este bordado.

E esperando que todas fiquem satisfeitas com o «Cestinho da Costura», abraço-as com muita amizade.

Vossa

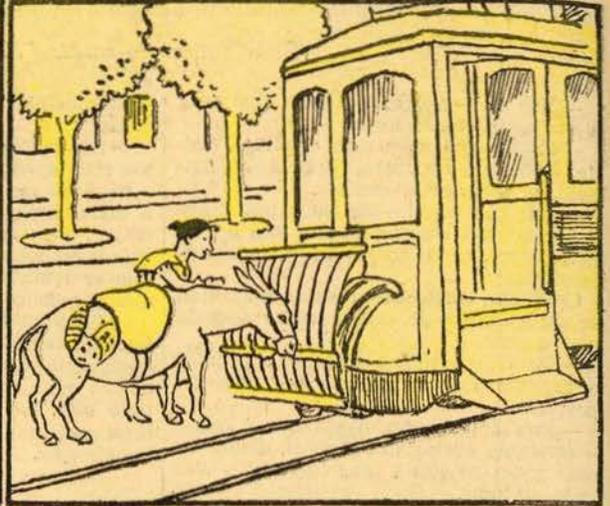
Abelha-Mestra



# COMPARAÇÃO ACERTADA



Tia Felícia do Vale,  
Lá do Casal da Piturra,  
Foi um dia à Capital  
Sôbre a sua linda burra.



E então, assim que chegou,  
—Meus meninos, caso tético!—  
Tia Felícia amarrou  
Sua burra a um «eléctrico»!



Logo um polícia apar'ceu  
A correr bastante aflito;  
A burrinha desprendeu,  
Dizendo: — «Mas, que bonito!»



Procurou Tia Felícia,  
E diz-lhe com voz casmurra:  
—«Eh, Senhora! Você é  
Mais burra que a sua burra!»

A L B E R T O N E V E S

## HISTÓRIA VERDADEIRA

(Continuação da página 6)

Deixaram quasi intactas as merendas,  
Pedindo a Lena: — «Não te esqueças, não,  
De pôr o sapatinho no fogão,  
Para que o bom Jesus lhe deite prendas?»!

P'ra tua Mãe se não zangar, irás...  
Mas, se me queres dar, muita alegria,  
Não deixes de vir cá nem um só dia,  
Vamos ser tão amigas como irmãs.».

Docemente abraçadas, comovidas  
E com os corações a palpar,  
Aqueles almas brancas, de luar,  
Fizeram as penosas despedidas.

Se ver quereis o mundo mais feliz  
Deixai desabrochar e dai alento  
Aos nobres e sublimes pensamentos  
Que se abrigam nas almas infantís.